

História guardada na gaveta

Os moradores da Vila Marieta, do Jardim Garcia e do Jardim das Oliveiras conhecem bem o ex-corretor de imóveis Alcides Foresti. Quando ele instalou o escritório no Prédio São Jorge, há 42 anos, sua principal ocupação era vender terrenos naqueles bairros, que ainda não passavam de descampados. Hoje ele não vende mais lotes. Trabalha apenas com avaliações judiciais, estipulando os preços de bens imóveis relacionados em inventários e separações conjugais.

Foresti tem 72 anos e, como ninguém, conhece a história do Prédio São Jorge. Tem guardado na gaveta, por exemplo, um exemplar do **Correio Popular**, do dia 10 de dezembro de 1950. Na primeira página, o jornal informava que os moradores do edifício, então recém-construído, foram assustados por um abalo sísmico.

Há duas décadas, fala, o prédio voltou às manchetes. Foi quando uma senhora da alta sociedade campineira cometeu suicídio, se

atirando com um bebê da janela do terceiro andar. Eram, de fato, outros tempos. Hoje, ele admite, poucos elegantes ainda circulam pelo São Jorge. Quem continua estabelecido no prédio, diz, está mais preocupado em se proteger contra os assaltantes: nas portas das joalherias e dos consultórios médicos foram instaladas grades de aço, intransponíveis.

Mas o escritório de Alcides Foresti não mudou. Ele continua preenchendo relatórios numa antiga máquina de escrever Olympia. O armário continua decorado com um enorme elefante de barro que, segundo reza a lenda, pertenceu a uma das precursoras da prostituição de Campinas, uma tal de *Lola*, que tinha seu *inferninho* instalado nas imediações do Jardim Carlos Gomes. Mas Foresti vai logo avisando: nem conheceu a tal *Lola*. Ele comprou o elefante de barro de um primo, há três décadas, e ponto final.